

ARQUIVO REC009

(inint 00:01)

Entrevistador: Aí nasceu em Paraju?

Entrevistado: Ahan. Paraju.

Entrevistador: Paraju é município de quê?

Entrevistado: Itaguaçu.

Entrevistador: De Itaguaçu?

Entrevistado: Ahan. Itaguaçu.

Entrevistador 2: É porque a gente/eu confundi lá na primeira vez... eu confundi Itaguaçu de Domingos Martins.

Entrevistado: Ah não.

Entrevistador 2: Não, com Paraju de Domingos Martins. Aí eles me falaram: Não, eu acho que...

Entrevistado: (inint 00:19)

Entrevistador: Tem Paraju também.

Entrevistador 2: E também é de pomeranos. Lá tem bastante... bastante gente de/da origem pomerana lá também.

Entrevistado: Ahan. É... lá tem. Que é muito de Santa marina... os pomeranos, né? O Paraju também é... é tudo pomerano, né?

Entrevistador: É?

Entrevistado: Ahan.

Entrevistador: E aí eles foi.../eles... nasceu lá?

Entrevistado: Nasceu lá... nasceu e cres...

Entrevistador: E o pai deles...

Entrevistado: O pai era de/de Santa Leopoldina e a mãe... da Suíça. Em alemão fala (inint 00:50)... Vocês falam alemão?

Entrevistador: Não.

Entrevistador 2: Lê um pouquinho.

Entrevistador: Eu estudo... eu estudei alemão dois anos, mas eu não consigo falar... eu só sei a pronúncia. Então alguma coisa a gente consegue... ah eu lembro disso, lembro disso (rs) Então alguma coisa a gente lembra.

Entrevistado: Eu tenho um neto, filho do Lorival, ele trabalha em Brasília... ele... ele fala português, alemão e inglês.

Entrevistador 2: Nossa. Aprendeu em casa?

Entrevistado: Não. (inint 01:23)

Entrevistador 2: Aprendeu na escola?

Entrevistado: Na UFES, né?

Entrevistador: Ele estudou lá na UFES...

Entrevistado: Ahan. Em Vitória. A esposa dele é de lá... porque tem o Lorival, né? a netinha, a esposa de... a nora do Lorival (inint 01:36)

Entrevistador: E ele fala então inglês...

Entrevistado: Alemão

Entrevistador: Alemão e...

Entrevistado: Eu falo...

Entrevistador 2: E em casa aprendeu o pomerano ou não?

Entrevistado: Não. Em casa só consegui (inint 01:48) e... e na escola que ele aprendeu, né? Depois que ele foi embora pra Brasília eu falei: Agora o danado vai esquecer tudo (rs) Eu só conversava em alemão com ele, mas em língua alta, né? eu conversava... e ele também sabia língua alta, né? ele aprendeu, né?

Entrevistador 2: Em casa?

Entrevistado: Ahan. Porque a pomerana é assim um... um regi/uma família meia pobre, como se diz. De língua, né? eles parece que não consegue falar as palavras certas. Parece que eles deixa falar uma letra, num sei (risos)...

Entrevistador 2: Então a grande diferença da língua alta pro pomerano... é que eles... comem algumas coisas?

Entrevistado 2: É. Ahan. Pois é.

Entrevistador 2: Entendi... Mas aí quer dizer... aí a senhora e o marido da senhora se entendia muito bem porque ele aprendeu a língua alta?

Entrevistado: É...

Entrevistador 2: Como é que foi?

Entrevistado: Ele sabia um pouquinho através da/por causa da mãe, né? mas ela quase não falava... ela falava (inint 02:46) também, né? português eu nunca ouvi essa mulher falar um “bom dia”... só o alemão, né?

Entrevistador 2: Mas... entendia o português, mas não falava.

Entrevistado: Não. Não falava de jeito nenhum. Não falava de jeito nenhum. Ela era um mulher assim... ressecada... sabia assim Antígona

Entrevistador 2: Brava, né?

Entrevistado: E...

Entrevistador: Mas em casa o marido da senhora aprendeu o pomerano

Entrevistado: É... pomerano.

Entrevistador: Aí como é que vocês faziam? Vocês conversavam ele em pomerano, a senhora em alemão.... como é que fazia?

Entrevistado: Eu depois que eu casei, que eu fui morar no Paraju, né? Lá era tudo povo pomerano, aí eu pulei pro pomerano também, né? Lá vivia minha gente, né? aí as vezes

encontrava com o pastor, aqueles pastor antigo que vieram da Alemanha, né? aí eu falava também. Se chegava o/o que falava, eu pulava pra língua alta (rs)

Entrevistador 2: Dentro da igreja na verdade era língua alta...

Entrevistado: Sim. Os pastores só falavam língua alta. (inint 03:48) depois da guerra da Alemanha, né? que perdeu... eles montaram nos povos alemão aqui. Vê se aqui tinha a ver alguma coisa com a/com a/da Alemanha, né?

Entrevistador: Tinha nada.

Entrevistado: Nada

Entrevistador 2: Quando a senhora fala isso... eles faziam o quê? proibiam mesmo...

Entrevistado: Proibia. Não podia falar em alemão, onde eles achavam um... qualquer escrito em alemão eles destruíam. O nosso cemitério... nós era vizinho lá da igreja e do cemitério, né? era tudo escrito em alemão no cemitério, né? e nós precisamos pegar tudo e esconder. Papai pegou e escondeu tudo no sótão, né? no escuro pra eles não acharem. E... e uns passavam batido pra tampar o que tava escrito né?

Entrevistador 2: Piche? O tabatinga/tabatinga é piche?

Entrevistado: Tabatinga é... é...

Entrevistador: (inint 04:38)

Entrevistado: A tabatinga é da mata... branquinha igual (inint 04:43)

Entrevistador: De onde que tira?

Entrevistado: Da mata

Entrevistador: É uma árvore?

Entrevistado: Não. É igual uma lama, porque a terra vermelha era branca...

Entrevistador: Ahan. É a tabatinga, né?

Entrevistado: A tabatinga. Eles tampava tudo o cemitério que tava escrito.

Entrevistador 2: Mas isso por medo ou porque realmente passava gente vigiando?

Entrevistado: Passava gente e caçava. Aquilo era, como se diz, era uns ladrão que só queria destruir e roubar o que os alemão tinha trazido da Alemanha. Só o finado (inint 05:18) ele vingou, ele já é falecido lá da igreja Palmeira do meu filho lá, né? Ele falou assim: eu sei que eles só querem roubar o que nós trouxemos, o meu eles não roubam não. Ele botou dois homens na estrada, né? eles eram pião, né? os homens... eu já tinha... eu tinha doze anos naquela época. Aí ele falou: quando vocês vê eles apontando lá, dá um sinal. Ele subiu no (inint 05:46) da casa, né? com a arma de fogo, aí na hora que eles apontaram os homens avisaram ele... mandou fogo. E eles foram. Todos tivessem feito assim, né?

Entrevistador 2: É verdade, teria preservado tanto os bens, quanto o cemitério não precisava ter passado por isso.

Entrevistado: Pois é. Meu tio era da Alemanha, o Germano (inint 06:09), casado com minha tia, eles foram lá: “É porque num sei o quê você tem que ir junto com nós levar nós na igreja luterana de vocês. E... eu sei que lá tem coisa que vocês se comunica com a Alemanha”. Aonde? Não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha nada naquela época, né? Eu falei nós não temos nada. “Vamo e vamo e vamo”. Ele foi. Abriu a igreja, aí acharam lá uma folha, era uma folha com uma oração escrita. “Ahh, com isso daqui vocês se comunica”. Pegaram e rasgaram todinho e levaram como se tivesse prendido.

Entrevistador 2: Levou pra Vitória?

Entrevistado: (inint 06:49) Ali pegaram/aí a comunidade foi atrás falou solta ele ou (inint 06:53)

Entrevistador 2: Porque não devia entender o que tava escrito e aí achou que ali tinha uma carta de/de/de informando pela carta, né?

Entrevistado: Pois é. É cada uma, né? Não é mole não. Vocês já foram em Laranja da Terra onde meu filho trabalhou uns cinco anos?

Entrevistador: Laranja da Terra a gente veio de lá, né? a gente...

Entrevistado: Vocês acharam o buracão...

Entrevistador: A gente viu o buraco

Entrevistado: Sim, foi nessa época

Entrevistador 2: A senhora/alguém comentou com a senhora quando a senhora era nova ou a senhora só viu depois no jornal. Como é que foi?

Entrevistado: Não, comentário, né?

Entrevistador 2: Como é que era?

Entrevistado: Aquilo era... aquele negócio da guerra? Era em Barracão, que nós morava perto do Barracão Petrópolis, né? Então lá eles sabiam de tudo, contava e a gente fica sabendo através né...

Entrevistador 2: Por exemplo...

Entrevistado: Aí eles falavam que a Alemanha tinha perdido, tinha que destruir, porque o alemão do Brasil não tinha mais valor. Aquelas coisas, né?

Entrevistador 2: E aí acabaram proibindo de falar em alemão...

Entrevistado: Ahan. Pastor nenhum podia mais rezar nenhum palavra em alemão na igreja.

Entrevistador 2: Mas aí como é que eles resolveram então? Porque eles também não falavam em português, né?

Entrevistado: Não... aí tinha um pastor em Palmeira, lá ali onde meu filho mora hoje né? (inint 08:15)... nós tava tudo preparado pra fazer a crisma. Tudo em alemão. Nós sabia o catecismo tudo, né? e aí tava proibido... aí o/ a diretoria da igreja veio em Palmeira conversar com o pastor (inint 08:29), né? e ele falava português, né? Ele falou: Não, eu vou, só que eu não posso falar uma palavra em alemão. Aí falou com os catecismos, nós tinha que estudar tuudo de novo. E ali com.../partir daquela época os pastores...

Entrevistador 2: Mas nessa altura a senhora já tinha... se alfabetizado em português?

Entrevistado: Já... tudo... eu sabia tudo de português. Não! Nada, tudo em alemão. Foi a partir daquela época que nós aprendemos. Falava sim, né? mas lê e assim nada, nada, nada. (risos) Foi difícil.

Entrevistador 2: Dali pra frente é que os meninos começaram a/a aprender a ler em português?

Entrevistado: a ler em português. É. Dali pra frente, né?

Entrevistador 2: E a senhora aprendeu a ler com quem? Foi com pastor?

Entrevistado: Não. Eu aprendi com/com... filho do nosso vizinho. Ele tinha estudado bastante já... um monte de coisa, né?

Entrevistador 2: Mas aqui no Brasil mesmo?

Entrevistado: Não. Ele é até um rapaz solteiro ainda, eu era menina nova, ele já... vizinho assim, né? morava assim no quintal da igreja assim, né? Ali, bem... como é que ia crismar? Não sabia ler em português, não sabia nada. Aí então mamãe ajeitou ele lá, conversou com ele... ele falou: Não, pode vir que eu vou ensinar. E aí eu...

Entrevistador 2: Quantas crianças?

Entrevistado: De noite... é...

Entrevistador 2: Quantas crianças?

Entrevistado: Eu e minha irmã. Os outros já moravam mais retirados... aqueles se viraram (risos) E de noite, sô, com a natalinazinha nós tinha que ir lá na casa do seu Júlio. Mas Deus me ajudou e dentro de poucos dias eu aprendi ler. E aí ele falou: Vocês não precisa vir toda noite mais não, vocês tão cansadas o dia inteiro na luta no serviço, né? (inint 10:15) E por ali... aprendi, né? É uma luta.

Entrevistador 2: Júlio o quê?

Entrevistado: Júlio Chultz

Entrevistador 2: Chultz?

Entrevistado: Chultz. Ahan.

Entrevistador 2: Mas com o t ou sem o t? (inint 10:28)

Entrevistado: C. h. u. l. t. z. Ahan. Chultz.

Entrevistador 2: E aí vocês ficaram menos de um ano? Aprenderam a ler...

Entrevistado: É. Aí depois tava todo mundo... sabia mais ou menos o que tinha que fazer, aí foram lá no pastor, falaram... aí ele veio e fez a crisma. A partir daquela época

ele sempre foi atender... a comunidade lá, né? Primeiro os pastores vinha da Alemanha e morava em Santa Leopoldina, né? Andava doze horas a cavalo. E lá tem a casa do (inint 11:01) na nossa igreja, eles ficavam na casa do (inint 11:03), né?

Entrevistador 2: Aí ficava um, dois dias...

Entrevistado: Ahan. Realizava a missa em Rio Perdido, que era lá em casa, e Vinte e Cinco de Julho. Nos dois lugares.

Entrevistador 2: Os dois em Santa Teresa?

Entrevistado: Han?

Entrevistador 2: Os dois em Santa Teresa?

Entrevistado: Eles morava lá.

Entrevistador 2: Não, Rio Perdido e Vinte e Cinco...

Entrevistado: De Julho.

Entrevistador 2: É em Santa Teresa

Entrevistado: Ahan. Município de Santa Teresa.

Entrevistador 2: Entendi.

Entrevistado: Município de Santa Teresa.

Entrevistador: Lá em Rio Perdido é que tinha o cemitério?

Entrevistado: Ahan. (inint 11:33) pertinho assim da nossa... divisa da nossa terra, e a igreja também... luterana, né? Tinha as igrejas católicas lá também perto.

Entrevistador: Ah, tinha também?

Entrevistador 2: Tinha... por conta dos italianos que já tavam por ali.

Entrevistado: Sim. Ahan. Tinha muito... a maioria era tudo da Itália... os italianos lá, né?

Entrevistador: Ah, em Rio Perdido a maioria era italiano?

Entrevistador 2: Vinte e Cinco de Julho também.

Entrevistado: Tinha lá alguns (inint 11:53), mas poucos. A maioria era tudo italiano... Meus avô era enterrado lá em Rio Perdido, né? o pai da minha mãe, né?

Entrevistador 2: Entendi.

Entrevistador: Mas a casa da senhora não tá lá mais não?

Entrevistado: Não. Aquilo já tem... eu já tenho... eu casei em quarenta... em quarenta e nove, né? Ele já tem quinze anos que ele faleceu também, né?

Entrevistador: Nossa.

Entrevistado: Pois é. Aquilo já... já foi, como se diz, só sobrou a igreja, o cemitério e nós.

Entrevistador: A igreja ainda tá lá também?

Entrevistado: Tá. A igreja tá muito bem conservada, né? A Milinha, a esposa do Ernestinho, ela também é nascida lá, né?

Entrevistador: Uhun.

Entrevistado: Os únicos parentes que eu tenho aqui nessa rua é o Ernestinho e a Milinha... através das nossas avós e bisavós, né?

Entrevistador: É... a senhora tava falando, como é que é? A... senhora falou que a Dona Maria Stricks era bisavó do seu Ernesto.

Entrevistado: Do seu Ernesto.

Entrevistador: E... ela era irmã...

Entrevistado: Da minha vó, da vó Ana. Ahan. É. Da vovó Ana. Ela vinha da Alemanha. A/a/a bisavó do Ernestinho num sei com que idade que ela veio... agora a minha vó, mamãe sempre contava que veio com idade de onze anos. Vovô André com... dezoito, né? vovô André era professor... já veio formado.

Entrevistador 2: Ele já veio...

Entrevistado: Formado da Alemanha

Entrevistador 2: Mas aí tinha a lavoura dele...

Entrevistado: Ahan.

Entrevistador 2: E também ensinava?

Entrevistado: (inint 13:30) Santa Leopoldina, né? e depois de velhindo que a mamãe levou ele pro Barracão, lá em Rio Perdido, né? Porque a mamãe... eles já era tudo de lá, depois papai vendeu as terras lá porque as terras era muito fraca... isso em Barracão, Rio Perdido, né? E aí... já o vovô fico esquecido das duas pernas, né? a mamãe até contava que ele andava de joelho assim, né? E aí eles/ mamãe levou eles pra lá... eles faleceram lá. Eu não tenho lembrança, era pequena, né?

Entrevistador 2: Já era... a senhora já era nascida, mas num...

Entrevistado: Não... eu num sei. Quando o vovô faleceu eu tinha... acho que três anos. E a vovó... acho que quando ela faleceu eu tinha quatro.

Entrevistador 2: A senhora tem que idade hoje?

Entrevistado: Eu tô dentro dois oitenta e cinco já (risos) Se tiver vivo, dia dez de outubro eu vou fazer oitenta e cinco já.

Entrevistador 2: Mas do jeito que a senhora vai... a senhora faz cem anos daqui um instantinho.

Entrevistado: Essa vizinha minha tá com set/oitenta e seis anos. Ela tem uma linhada de filho e neto. Veio todo mundo... fizeram uma surpresa pra ela lá na rua, né? (risos) Levaram ela lá pra rua...

Entrevistador 2: E ela é pomerana também? Ela é...

Entrevistado: Não... ela é da Itália

Entrevistador 2: italiana?

Entrevistado: Italiana.... é italiana.

Entrevistador 2: Brava, deve ser (rs)

Entrevistado: É boazinha ela, tadinha (rs)

Entrevistador: Boazinha? (risos)

Entrevistado: Ela tem uma moça lá que fica com ela, que trabalha. Ficou pra estudar e agora trabalha. E eu tenho dezessete anos que eu tô aqui... e dezessete anos cuidando de (inint 15:07). Todo ano, todo ano direto. Termina uma turma e vem outra... então (inint 15:13) já vem, né?

Entrevistador 2: Mas do/daqui/do/da redondeza? Paraju...

Entrevistado: Da redondeza de Paraju, de Preguiçosa, Palmeira... dali, né? Agora essas duas que tão aqui é... estão no terceiro ano.

Entrevistador 2: Já... daqui a pouco vão pra Vitória ou voltam pra casa?

Entrevistado: Os que ficou aqui até agora... uns tão trabalhando em Vitória e a maioria (inint 15:35)... Uma que tá aqui, acho que ela tá querendo.... tá querendo fazer a medicina. Vamos ver. Agora o outro é meia (inint 15:45). Num sei.

Entrevistador 2: Não decidiu ainda não

Entrevistado: Não. (rs)

Entrevistador 2: É verdade.

Entrevistador: É... o marido da senhora o pai dele é aquele senhor Fernando?

Entrevistado: Não...

Entrevistador 2: Avô.

Entrevistador: Ah, o avô. O pai dele era Frederico... é... (inint 16:02)

Entrevistador 2: (inint 16:04)?

Entrevistado: (inint 16:05) em alemão (rs)

Entrevistador 2: Chamado de (inint 16:09)

Entrevistado: (inint 16:10) eu num conheci ele. É (inint 16:12) Ele faleceu novo, né?

Entrevistador 2: Mas foi de derrubada, mordida de cobra... como é que foi?

Entrevistado: Ah, câncer... na mão.

Entrevistador: Esse é o senhor (inint 16:25)

Entrevistado: Ahan.

Entrevistador: E ele faleceu tem muito tempo?

Entrevistado: Eu num conheci ele. Ele faleceu quando meu marido tinha... acho que dezoito anos... ele faleceu. Ele faleceu novo, né? então num conheci...

Entrevistador: E o seu/e o marido da senhora tinha quantos anos quando ele faleceu?

Entrevistador 2: Dezoito... não.

Entrevistado: Ah, quando ele faleceu? Setenta e... quatro, ia fazer, né? Se tivesse vivo, hoje já tava chegando nos noventa, né? Ele deu... ele tinha problema do coração, né? tava sempre em tratamento com o doutor (inint 17:00) Colatina, né? Mas depois deu pneumonia aí o médico lá... aí os dois juntos num guentou não. Ele faleceu no hospital aqui mesmo, né?

Entrevistador: E a/a mãe do/do/do marido da senhora?

Entrevistado: Aquela como se diz, faleceu assim... velhice...

Entrevistador 2: igual passarinho.

Entrevistador: Como é que ela chamava?

Entrevistado: Noemia (inint 17:21)... ... em alemão fala (inint 17:25)... Noemia (inint 17:27).

Entrevistador: (inint 17:28)?

Entrevistado: Uhun.

Entrevistador: E ela que era suíça?

Entrevistado: Ahan. Da Suíça... E o pai da Pomerânia... meu sogro, né?

Entrevistador: Ahan. Ele é pomerano...

Entrevistado: Ahan. Só que eu não conheci ele. A sogra morreu na nossa companhia. Ela morava com a gente, né? Ela ficou toda, toda bobada, minha filha. Não conhecia ninguém.

Entrevistador 2: Ô, que dó.

Entrevistador: E a avó do/do/ Seu Alberto? A esposa do/do...

Entrevistado: Aquela não posso falar nada...

Entrevistador: Não sabe nada não...

Entrevistado: Não sei nada não.

Entrevistador: Ahan

Entrevistado: Perguntei não

Entrevistador: Mas eles que vieram da Pomerânia, né?

Entrevistado: Sim, eles vieram da Pomerânia (inint 18:04)

Entrevistador: Eles chegaram e aí o/o (inint 18:07) era criança ou ele nasceu aqui?

Entrevistado: Nasceu no Brasil.

Entrevistador: Nasceu no Brasil?

Entrevistado: Ele teve o filho aqui no Brasil. Só que eu não conheci ele, né?

Entrevistador: Ahan. Mas a senhora sabe com quantos anos ele faleceu?

Entrevistado: Também não posso/ não sei não viu... ... E minha sogra era muito relaxada... ela não guardava um documento, ela jogava tudo...

Entrevistador: Ah é? Ô, gente, que dó, né?

Entrevistado: Um dia eu subi no sótão, era casada de pouco tempo, falei deixa eu subir no sótão pra ver o quê que tem lá. Achei aquele monte de papel lá e eu revirei, olhei, já tava ruído de rato, num sei de quê, né? Eu achei... era tudo documento dos filho. Falei: Meu Deus, o quê que é isso?

Entrevistador 2: Os batismos dos meninos?

Entrevistado: os batistela, certidão de tudo,né? eu falei: gente, o quê que é isso? Eu descí aí depois na hora do almoço eles chegaram da roça eu falei: fui no sótão hoje, o quê que é aquele monte de papel lá tudo ruído. Eu fingindo, né? “Ah, documento dos

meninos”. Eu falei: gente, mas isso não é coisa de se jogar fora não, ué. Eu trouxe os meus perfeitinho numa caixa que eu tenho guardada até hoje, né? “Aquilo num vale nada não”. Eu falei: costuma, a religião luterana no dia do batismo os padrinhos dá um batistela, né? um cartãozinho com... tudo escrito dentro, né? e acostuma botar um dinheirinho também. Você jogou fora o dinheiro também? “O dinheiro era meu”, ela falava.

Entrevistador 2: Esse num joga fora não.

Entrevistador: Era danada. (risos)

Entrevistado: Gente, aonde que se joga fora um documento?

Entrevistador: E... é... dona Christina, a senhora percebeu alguma diferença das coisas que... assim.... que o marido da senhora fazia e aprendeu com/com o pai dele, das coisas que a senhora aprendeu com os pais da senhora? Por ele ser pomerano?

Entrevistado: É... só que... era pouca coisa, mas tinha diferença, né?

Entrevistador: É? O quê que tinha de diferente?

Entrevistado: Ah os modos assim de/de/de se vestir, de/de/de... viver, né? assim, o comportamento com as pessoas. Eles era criado assim muito grosso meu sogro/minha sogra era uma grosseria doida, né? Eu sei que nós em casa, nós não podia comer nenhuma vez por dia sem fazer a oração... na hora de chegar na mesa, né? E quando eu casei eu logo vi, eu falei: aqui não é assim não. Teve um dia de manhã cedo que eu falei: quem/quem faz a oração da mesa de manhã? “Vai inventar moda?”, ela, né? Falei: né, não. Inventar moda não, pedir a Deus e agradecer a Deus, falei. “Não inventa moda”, ela.

(risos)

Entrevistador: Ô dó, gente.

Entrevistado: Ahan. Ela foi bem/ela era bem assim.

Entrevistador 3: Não inventa moda (rs)

Entrevistado: É. Não inventa moda. Eu falei: Tá bom, eu vou fazer minha oração em silêncio.

Entrevistador 2: É porque na casa da senhora todo mundo sentava...

Entrevistado: Sentava e...

Entrevistador 2: Tomava o café...

Entrevistado: É... um por um levantava, ficava em pé e fazia sua oraçõzinha. Ali podia pegar a comida, antes não.

Entrevistador 2: Ahan.

Entrevistado: A noite não... a de tarde e na janta não. Não era janta era (inint 21:27). Ali mamãe falava assim: “De noite vocês então reza na hora de deitar”. Mas de manhã, meio dia, tinha que fazer a oração...

Entrevistador 2: E aí quando a senhora casou aí já mudou?

Entrevistado: Mudou. Aquilo foi a primeira mudança.

Entrevistador 2: Quer dizer... a mesa ainda era a mesma, tinha o broti, tinha o café, mas o...

Entrevistado: Tinha o requeijão, tinha manteiga, café margoso, café com leite, essas coisa tudo. Igual lá em casa mesmo, né?

Entrevistador 2: Então quer dizer, o que se comia era o mesmo.

Entrevistado: Mesma comida

Entrevistador 2: Porém, era mais/era mais bruto assim.

Entrevistado: Era.

Entrevistador 2: E aí... e no almoço? Aí era a mesma coisa? A comida era a mesma...

Entrevistado: A comida era a mesma coisa: feijão, arroz. Nós lá em casa comia muito cará, e batata doce, inhame, ipim, nós comia muito aquilo também, né?... E já a minha sogra era mais a fruta pão. Fruta pão com feijão, carne de boi porque matava boi. Papai não matava boi porque não gostava de carne de boi. (risos) Ele sempre falava: “Não me põe carne de boi na mesa não”.

Entrevistador 2: Mas carne de porco aí sim?

Entrevistado: E... aquilo era um... cozido ele gostava, não gostava muito de frito também não.

Entrevistador 2: Olha... mas aí como é que conservava a carne? Num era carne de lata?

Entrevistado: É... era assim... mamãe fazia assim: metade era carne de lata e o resto mamãe secava assim na fumaça, né? depois que a carne tivesse seca, ali botava tudo dentro de um saco, amarrava bem e pendurava na dispensa.

Entrevistador 2: Pra não correr o risco dos menino achar o caminho?

Entrevistado: É... e aí barata (inint 23:17) E aí mamãe cozinhava aquela carne no meio do feijão, papai adorava carne cozida no meio do feijão, né?

Entrevistador 2: E aí você também fazia é... torresmo com carne?

Entrevistado: Torresmo era só pra sabão.

Entrevistador 2: Mesmo com pele?

Entrevistado: Ahan. Aquilo meu pai guardava pra fazer sabão.

Entrevistador: Mas na casa do marido da senhora não era assim não?

Entrevistado: Era mais ou menos assim também, só que lá comia assim menos... era negócio das coisas que eu falei que a gente comia, que eu falei que a gente comia... batata essas coisa. Aquilo era menos, mais era o feijão, o arroz... tinha também, né? macarrão... essas coisa tudo.

Entrevistador 2: Mas aí o macarrão fazia em casa ou...

Entrevistado: Em casa... nunca a gente... nem sei se existia naquele tempo

Entrevistador 2: Ah devia existir, né?

Entrevistador: Acho que sim.

Entrevistador 2: Porque da rua só se trazia então o sal e a querosene?

Entrevistado: É. Sal, querosene, uns quilinhos de açúcar, um trigo, essas coisas, né?

Entrevistador 2: O trigo (inint 24:16)

Entrevistado: (inint 24:18)

Entrevistador: Dona Christina, eu queria pegar o nome todo da senhora. É Christina...

Entrevistado: Christina Bostel (inint 24:26)

Entrevistador: Pera aí.

Entrevistador 2: Lá ó.

Entrevistado: Ahan, Bostel. Não, só que ali tem...

Entrevistador 2: O l a mais?

Entrevistado: O l a mais. E nós não tem.

Entrevistador: Ah, é só B. o. s...

Entrevistado: t. e. l. ahan

Entrevistador: Bostel... aí...

Entrevistado: (inint 24:40)

Entrevistador 2: E o Christina da senhora é com k ou é com c mesmo?

Entrevistado: Pode ser com c... com c. h.

Entrevistador 2: Mas o nome da senhora... é Christina

Entrevistado: É com c. h.

Entrevistador 2: Christina

Entrevistado: Bostel. Ahan, é com c. h.

Entrevistador: c. h.

Entrevistado: Uhun

Entrevistador: E eu queria o telefone da senhora.

(...)

Entrevistador 2: Qual é o número da senhora?

(inint 25:21)

Entrevistado: Vocês conversaram com meu filho hoje lá?

Entrevistador 2: Rapidinho

Entrevistador: rapidinho

Entrevistado: É porque hoje ele tá muito ocupado lá.

Entrevistador: É... ele falou pra gente.

Entrevistado: Esse aqui é ele no tempo que ele era novo, ele era pequeno...

Entrevistador: Olha só, gente

Entrevistado: (inint 25:55) aí eles carregaram ele pra Laranja da Terra e agora o pastor de Palmeira foi embora pra Blumenau, buscaram ele de volta

Entrevistador: Ah tá certo. Bom que fica perto da senhora, né?

Entrevistado: É... melhor coisa.

Entrevistador 3: É... agora ele tá pertinho aqui.

Entrevistador: Pertinho da senhora... Dona Christina, nós já vamos.

Entrevistado: É cedo ainda.

Entrevistador: Não, tá ótimo, já incomodamos muito a senhora. (inint 26:21)

Entrevistado: Esses dias trouxeram uns estudantes aqui... me fizeram tanta pergunta (risos) Eu tinha uns retrato aqui, num sei onde que eu deixei... do meu pai. Aqui, esse aqui é meu pai, minha mãe

Entrevistador: Olha só.

Entrevistado: Papai era careca... .. eu tinha da minha sogra aqui. Deixa eu ver. Esse aqui era um irmão meu, ele faleceu no exército, né? dezenove anos de idade

Entrevistador 2: Na guerra?

Entrevistado: Não. Acidente.

Entrevistador: Olha.

Entrevistador 3: Aí ele serviu ao Exército Brasileiro?

Entrevistado: Han? É... porque naquela época todos os rapazes com vinte/dezenove... vinte anos tinha que servir o exército, né?

Entrevistador 2: Ia pro Rio de Janeiro.

Entrevistado: Foi... Rio de Janeiro e lá ele sofreu um acidente. Esse era o filho mais novo, o irmão mais novo meu. O outro mais velho ficou três anos lá... graças a Deus foi tudo certo

Entrevistador: Tudo certo.

Entrevistado: E esse sofreu acidente e faleceu.

Entrevistador: Ó que triste.

Entrevistado: Muito triste. Papai adoeceu, depois de um tempo foi atrás. Num agüentou não. Esse menino era tudo. Isso num fumava, num bebia, não dançava... nada. Só do lado do papai e no serviço.

Entrevistador: Olha só.

Entrevistado: Aí papai já tinha planejado tudo pra quando ele voltasse da coisa... ele ia passar a terra no nome dele. Já tinha conversado com nós. “Não, a terra pode ser dele”. Só que...

Entrevistador 2: Que pena.

Entrevistado: A gente faz um plano e Deus faz outro, né?

Entrevistador 2: É.

Entrevistador 2: É verdade.

Entrevistador: Dona Christina, muito obrigada

Entrevistado: Desculpa alguma coisa

Entrevistador: Não, que isso.

Entrevistador 2: Não, desculpa a gente ter vindo assim tão rápido sem avisar a senhora.

Entrevistado: Não, que isso, minha filha, tá bom. Eu achava que a Inecir tava com enrolo, porque ela é danada pra enrolar a gente ... nunca vi

(risos) (inint 28:16)

Entrevistador: Brigada, dona Christina

Entrevistador 2: Brigada viu.

Entrevistado: Desculpa alguma coisa.

Entrevistador 3: Obrigada.

Entrevistado: Vocês tão indo pra onde? Mais algum lugar?

Entrevistador: Agora a gente tá indo pra (inint 28:48)